

# CIDADE DE GIS

De MARCELINO FREIRE

Seria como entrar na Ilha de Taprobana. Nas catacumbas de São Calisto. Nos esgotos de Paris.

Irei.

Concordei com as condições. É possível que eu morra e que cortem meus bagos fora. A terra é mesmo oca.

Será um furo de reportagem.

Eu sou um jornalista das antigas, embora os jornais, como sabemos, mais que eletrônicos, viraram poeiras digitais.

Há quem leia porque há, assim como eu, quem escreva.

Escreverei.

Antes, vale uma explicação: serei o primeiro a entrar no Caleidoscópico Celeste. Ou: na Cauda do Pavão.

Lá não entram heterossexuais.

Todos banidos da humana reprodução.

Eu fui o primeiro a receber autorização para conhecer a filosofia, o modo de vida, entrevistar Prisma, a Ave Solar. Há quem diga que há espelhos pelas ruas, onde bate o esplendor do sol. Pavões se abrindo em joias.

Têm eles a própria moeda e vivem bem.

Correm boatos de assassinatos de infiltrados. Decapitados. Um ou outro desavisado que subiu a encosta. Atravessou os túneis florestais. E não voltou mais. De quando em quando, aparecem nas estradas de cá crânios e cinzas em potes e uma misteriosa máscara. A Comissaria é avisada. E recolhe. E nunca reconhece de quem foram os corpos.

Etiquetados com etiquetas brilhosas.

Nós avisamos.

É feito aqueles casos, antigos, de gente que subia uma biqueira, ia ao topo dos morros, enfrentava julgamento sangrento, o traficante não tinha pena. Nenhuma pena. Aliás, seria ele o primeiro a ser morto se ousasse pisar onde eu pisarei, louco do juízo, amanhã.

Está marcado cedo, às seis, seja rigorosamente pontual.

Esperamos por você à esquina última, à esquerda, na curva acentuada da Rua da Aurora Boreal.

\*

Eu não sou homossexual.

Também não sou casado.

De quando em quando suspeitam: de que faço parte da comunidade do Caleidoscópico Celeste.

De tanto suspeitarem, resolvi preparar uma grande matéria. Entrei em contato. Arrisquei umas palavras à distância.

Fui sincero.

Apelei para o argumento democrático. Falei que admirava a façanha de eles terem conseguido erguer como ergueram essa espécie de casulo. Ou mais: família, cabila, cordão de isolamento.

Oásis.

Já estão tão autônomos que ninguém mexerá com eles. A história do mundo é repleta de histórias solitárias. No mais, é preciso a humanidade compreender, perceber como se formaram determinadas sociedades. Bom que se deixe registrado, para as gerações futuras o exemplo. Mesmo que não concordemos.

Um ano depois do primeiro pedido, recebi o aviso positivo. Venha. Como devo ir vestido?

Concordaram que eu levasse gravador. Nada de fotos. As fotos do encontro, se for o caso, eles mesmos registrarão. Por favor, não usar perfume.

Oito perguntas ao total.

Não avise a ninguém.

Não fabrique testemunhas.  
Pise com os pés descalços quando chegar ao Grande Salão.  
Devo fazer as unhas?

\*

Eu estava dizendo...  
Eu não sou homossexual.

Daí a primeira vez em que um hétero vai à Cauda do Pavão.  
Será o equivalente a chegar a Hiperbórea. Ao Continente Perdido  
de Mu, sei lá.

Sim, uma vez na infância, um menino tomou banho nu ao  
meu lado. Na adolescência, em um acampamento de ginásio, fui  
beijado por um missionário. Mas, ora, continuei frio.

Nada aconteceu.

Sou educado e pedi apenas que não me tocassem. O menino  
do banho, o rapazinho evangelizador.

O tempo se evaporou.

Namorei mulheres, mais velhas, da minha idade. Uma delas  
fez aborto. Tenho um histórico razoável a meu favor. E, de fato,  
não sinto desejo por uma pessoa do mesmo sexo.

Nem mesmo em sonho.

Sou um verdadeiro mar de tranquilidade.

Dizem que Prisma, a líder da comunidade, é impiedosa. Para  
manter a ordem, cometeu crimes contra os machos másculos.

Às tamancas quem se alvora homem mais do que qualquer  
outro homem. Aniquila toda forma de testosterona.

Eu sou magro. Uso óculos.

Eu ando só de bicicleta. Eu não fumo.

Gosto de ler sobre terras e lugares lendários.

Eu tenho coleções: uma de borboletas, outra de selos. Uma  
de galos.

Pediram-me fotografia. Pelado. Analisaram meu perfil. Meu  
tipo de texto. Exame de sangue. Investigaram o meu passado.

Venha.

Depois de um pagamento de uma taxa módica.

Não cometa nenhum deslize, estamos combinados?

Prisma o aguarda.

\*

Pegaram duro nos meus testículos, amassados por cima das calças, e me lançaram, desorientado para dentro da peruca. O furgão, estacionado à Rua da Aurora Boreal, nem piscou, já saiu fazendo fumaça e ventania.

Um capuz inteiramente fechado. E nos meus ouvidos puseram uma música alta. As mãos amarradas para trás.

Isso não estava combinado.

Pensei nos crânios e nas cinzas nos potes e na máscara.

Serei o próximo?

Não lembro de nenhum jornalista, do lado de cá, que tenha misteriosamente sumido.

Há esperanças.

O meu objetivo é fazer a grande matéria. E creio que a própria comunidade queira que a matéria seja feita. Talvez a população GLBTQs esteja ficando velha. A reportagem ajudará a trazer mais cofundadores. Será que estão abrindo os pavilhões? As inscrições? Aos poucos, novas mãos-de-obra. Sem contar, toda liberdade que oferecem, restrita à área ocupada, é certo, mas uma liberdade de verdade, ora essa.

Quem disse que eram livres antes?

Por aqui, a gente sabe o que aconteceu.

Foi perversa a perseguição.

Torturas.

Travestis socadas à deriva. Em pântanos.

Cuspes, chutes, hematomas.

Aquele tipo de piadinhas, estão lembrados, estão lembradas?  
Sabe a diferença do cu do veado para o cu do elefante? O tamanho da tromba.

Os solavancos da música alta.  
A estrada até o Caleidoscópico Celeste é cheia de bits.  
Meu coração em disparada.

\*

É difícil descrever o Grande Salão.

Não sei se pelo efeito que a música fez em meus ouvidos, ainda vejo zunidos. E meus pés estão frios sob um piso de heras. É como se estivesse eu dentro de um aquário. Sem a água. Mas lodoso é o chão. Nas paredes, o verde lembra o verde de placas eletrônicas. daquelas de que são feitos os rádios, os circuitos internos.

Fui abandonado no meio daquilo tudo.

Na mochila, o gravador. Algum bloco de anotação. Meus documentos foram recolhidos.

Então a Cauda do Pavão tem leve cheiro de hortelã?

Vou ficar quanto tempo parado?

A matéria já começou. É preciso que eu capte o que puder captar. Se há janelas. Se há quadros. Mesas. E gente? Onde estão os pavões?

Entrar em uma floresta.

Na Montanha do Ímã.

A mesmíssima sensação.

Chamo: Prisma.

O Grande Salão não projeta a minha voz. Vejo que há pelo menos três câmeras. E vejo que me veem.

É esperar.

É um lugar homossexual aquele? Há algo que o difere de um outro lugar? Uma outra terra?

Talvez o silêncio.

Meus ouvidos ficaram pelo menos uma hora de viagem ouvindo batidas. O silêncio refrigera.

Não é aquele um silêncio heterossexual.

Dizem que bichas fazem muito barulho. É o contrário.

Ali está mais para um templo do que para um estádio.  
Mais para uma sauna do que para um vestiário.  
Uma travesti dormindo deve haver. Em algum canto do Grande Salão. Sem maquiagem.  
Um jovem anjo cansado.  
Será que é o leve cheiro de hortelã que está me fazendo viajar? Haverá nele qualquer substância floral?  
Bem-vindo.  
Ouço a voz que sai não do fundo de uma porta, mas como se emergida de um portal.

\*

Prisma parece um holograma. Mas é real.  
Pede que eu me aproxime. E vejo que com ela aparece uma poltrona. E uma outra poltrona.  
Fixadas ao chão em uma espécie de cenário.  
Um programa de auditório sem auditório.  
Ao lado, também fixados, dois pequenos cubos, dois copos de água.  
Em cima dos cubos, em ambos, a reprodução de minha foto pelado. Nem faço cara de espanto. Só me acho mais bonito.  
É difícil descrever Prisma.  
Seria ela quem estaria dormindo? Ali, em algum canto, acabou de acordar e tomar banho. E vem, discreta, com o cabelo todo amarrado. Alisado no brilho de algum creme. Reluzente. Eu pensei que iria me mostrar a cidade. A ocupação. Quem sabe mais tarde, depois da entrevista?  
São 8 perguntas apenas.  
Posso começar a perguntar?  
Agora já são sete.  
Posso chamar você de você?  
Agora, seis.  
O tempo submerso.

\*

Por que heterossexual aqui não é bem-vindo?

A primeira frase que eu disse foi “bem-vindo”.

Eu sou uma exceção. Precisei de uma autorização especial.  
Estou fazendo uma matéria.

Eu poderia ter feito uma outra saudação.

Então eu vou reformular a pergunta. Por que, à exceção de mim, os heterossexuais não podem entrar nesta comunidade? E se entram, sem permissão, são assassinados?

Repita as duas perguntas. E, por favor, não exagere no tom. Heterossexuais são muito escandalosos. Aumentam o tamanho das coisas. São eles os histriônicos. E os assassinos. Nós somos, no máximo, vingadoras, meu amado.

Prisma me chamou de “meu amado” e, vale dizer, a voz de Prisma era suave. Não trazia a dicção fanhosa e arranhada das travestis. Valia perguntar, depois, se por ali havia tratamentos fonoaudiólogos. Há quem trabalhe na construção dessas falas. No respeito natural e vocal das pessoas. Realinhamento de sons. Na respiração entre as sílabas.

Prisma estava em um programa de televisão, definitivamente.

Por que você criou este Caleidoscópico Celeste?

Prisma riu de minha pergunta. Bateu a cabeça para trás e girou-se um pouco na cadeira. A cadeira girava.

Quem deu esse nome, Caleidoscópico Celeste?

Prisma parou de girar. E fechou o olhar, acinzentando um pouco a abertura das pálpebras.

Então não se chama assim?

Chama-se Gis, meu amado. A Cidade de Gis.

\*

As imagens eram grotescas. E o peito do meu pé, frio, tocando o chão, ficou ainda mais gelado. Gélido.

O rosto da travesti estava transfigurado. Um gráfico explicava onde estavam as marcas de cigarro. Por onde, às costas, os garotos socaram os pedaços de madeira. Os ossos afundados por pedradas. As costelas esmigalhadas. Cada foto boiava, boiava. O aquário à nossa volta virou um poço sem fundo. Nada a ver com a primeira comparação que fiz. Até o cheiro de hortelã desapareceu. Também o frescor do rosto e dos cabelos de Prisma. As imagens, projetadas ao nosso redor, por algum superprojeto, desses de megacomputador, encheram o ar de bolor. Prisma quis me impressionar. E, sem dúvida, me impressionou.

Gis de Gisberta.

A Cidade de Gis.

Perdi a conta das perguntas que me faltavam fazer. No entanto, notei que a regra não seria tão rígida. O tempo da entrevista, este sim. Comecei a sentir que, daqui a alguns minutos, nossa conversa, que mal começou, chegaria ao fim.

\*

Nós não somos assassinas. Nós fazemos nascer o que nós somos de verdade. Nós inauguramos um futuro. Nós estamos preocupadas com o bem-estar da humanidade. Nós queremos a humanidade. Nós somos as novas mães da humanidade.

Prisma era uma poeta.

E eu não podia me render à poesia enquanto não fosse plausível a explicação.

Vocês construíram uma ditadura. Por que tive de vir todo amordaçado até aqui? Poderei visitar a comunidade? Eu preciso, na reportagem, apresentar números. Como vocês organizam a economia? Há casos de héteros enrustidos? Todo mundo que mora aqui faz parte, realmente, da Cauda do Pavão?

Você já fez todas as perguntas. Pare com isso. Héteros são inquisidores. Pensam como se fossem tribunais.

Federais.

Uma delas, apenas, então responda.

Não gosto do tom da sua fala. O tom da sua fala não tem nada a ver com esta nudez aqui.

E Prisma jogou luz à minha foto.

Uma maneira de intimidação. Eu sou um jornalista das antigas. Já disse que tenho a técnica da precisão. Nem contei que já cobri casos de estupro. Narrei violências domésticas. Crianças soterradas, prédios que continuam incendiando.

O que representa a minha foto, por exemplo, diante das fotos e imagens mostradas do assassinato de Gisberta?

E aproveitando, eu quis saber.

Por que tive que vir todo amordaçado até aqui?

Você veio ouvindo música.

Encapuzado?

Ouvir música de olhos fechados é melhor.

Ter esperado um ano para essa entrevista e sentir, decepcionado, que o papo ficaria eternamente assim, nessa troca de psicologia barata.

O que você tem a dizer sobre os crânios que a Comissaria encontra nas estradas?

Pensei que você fosse um melhor jornalista, meu amado. É ingênuo e romântico. Primeiro, chama nossa cidade de Caleidoscópico Celeste. Depois, compra facilmente a ideia de que somos criminosas, de que desovamos inocentes pelas estradas.

Prisma não respondia diretamente a nada.

Resolvi fazer a última pergunta.

Onde estamos, Prisma, onde estamos?

\*

A vida é feminina. A morte é feminina. A terra, feminina. A Lua. A luz do sol, feminina. A noite. A luta do dia, feminina. A rua, a avenida. A palavra é feminina. A poesia. Toda e qualquer história. A voz. A infância é para sempre feminina. A alma é feminina. Menino menina.

\*

O menino era um menino livre, do campo. A pele era cor de areia. O tronco de uma árvore. Corpo de formiga, ao longe, marrom. Veio e se despiu. Pediu para eu, garoto urbano, tirar os tampões do meu corpo. As cascas que eu trazia. Eu relutei, feito um galho, teimoso. Educado aos moldes da família. Virgem de toda natureza. O riacho era da cor do menino. Porque batia no riacho a lavagem dos bichos. Cachorro vinha e se banhava. Passarinho metia o bico. Até cavalo. Galo fugindo de gato. Entra, entra. O menino pedia. Pelado, pedia. E pulava de alegria e sabedoria. Ser alegre é calcular a dimensão dos raios de sol. Meu umbigo tímido entrando na água. Burro que só. O menino vindo me abraçar. Não entendendo por que eu não aceitava o que riacho tem para mostrar.

\*

Como entrar nos Jardins Suspensos da Babilônia. No Templo de Diana em Éfeso. No Farol de Alexandria. Nas Pirâmides de Gizé. Na Vila da Seda. Nos Mecanismos Engenhosos do Sonho. O missionário veio, com fé, e me beijou acreditando. Sem pedir permissão. Enquanto estudávamos sobre o Paraíso Terrestre, as Ilhas Afortunadas e o Eldorado. Não era pecado, então? Como entrar na própria memória, caleidoscópica? Em que parte de nossa verdadeira história nós nos encontramos?

\*

A conversa entre mim e Prisma demorou mais do que o esperado. Outras perguntas foram feitas. Houve embate entre as respostas. Sobre eu ter vindo encapuzado, amarrado, ela me respondeu que era para que o meu corpo sofresse. Como se fosse um parto. Ao abrir os olhos, eu acordasse em outro horizonte. Os poetas fazem isto com a gente. Prisma era uma poeta. Se há uma ditadura, me disse, há uma ditadura da poesia.

Na prática.

Depois de vencida essa fase, Prisma, seguida pelos habitantes da Cidade de Gis, me levou até a beira da estrada.

Eu mesmo depusitei as cinzas no pote, o crânio, a máscara.

Depois voltamos para casa.